



UNIVERSIDADE  
CANDIDO  
MENDES

CURSO DE TEATRO

## **Caranguejo Overdrive: aprendendo a análise teatral**

De André Campos Mansur Ferreira

Rio de Janeiro  
2016

O espetáculo "Caranguejo Overdrive", escrito por Pedro Kosovski e dirigido por Marco André Nunes, atualmente em cartaz no Teatro Poeira, no Rio de Janeiro, se apresenta como objeto artístico de forte representatividade na cena cultural da cidade nos últimos tempos, por sua riqueza de propostas na utilização dos elementos cênicos, por seu discurso político afiado e por uma dramaturgia não convencional.

A peça mostra a história de Cosme, um catador de caranguejos dos antigos manguezais do Rio de Janeiro, que é convocado a participar da Guerra do Paraguai, em meados do século XIX. Após retornar alguns anos depois, vê a cidade totalmente transformada. O aterramento desenfreado do mangue, seu antigo *habitat*, em nome de um ideal de progresso urbano, o deixa deslocado de suas referências, de suas origens, de sua identidade. Numa espécie de saga, o protagonista encontra diversas figuras que, embora não reconstruam seu ecossistema perdido, o ajudam a elucidar os processos de causa e consequência desse fenômeno, trazendo a tona uma consciência o desenrolar da história da qual muitas vezes somos privados.

O grande trunfo do espetáculo, acredito, é a apropriação muito inteligente de Pedro Kosovski, o autor, de elementos do manifesto "Caranguejos com Cérebro". Esse texto, escrito em 1992 pelo músico pernambucano Fred Zero Quatro, considerado marco do movimento *Manguebeat*. No manifesto, a problemática do empobrecimento do ecossistema de Recife, causado pelo aterramento desenfreado dos mangues<sup>1</sup>, extrapola o campo da ecologia (embora não o desconsidere), para tratar de um empobrecimento cultural do indivíduo, do encruamento de suas potências criativas, da alienação política, da uniformização de uma sociedade *a priori* bastante diversificada. O próprio título traz a ideia de empobrecimento, ainda que de forma sutil, já que "overdrive" em inglês significa "desgaste" ou "saturação".

Da mesma maneira, a dramaturgia do espetáculo se vale da metáfora, ao apresentar a fábula de catador de caranguejos: o estranhamento do protagonista, ao retornar à terra natal, diz respeito, sim, à desconsideração e desrespeito com a natureza. Mas não só: O fim do mangue é o fim da diversidade, da relação do homem com seu passado, com seu folclore, sua cultura e suas referências identitárias.

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que o mangue é um dos ecossistemas mais diversificados do planeta, com mais de duas espécies animais e vegetais já catalogados (Fonte:<http://ecologia.ib.usp.br/>, acessado em 07/06/2016, às 23:45)

Uma questão muito importante do espetáculo é um “entra e sai” da história, no sentido linear e convencional. Existe uma costura muito sofisticada entre os momentos em que vemos a trajetória do protagonista e outros momentos mais reflexivos, quase comentando a história e extrapolando os limites da ficção para falar do nosso país, dos problemas que nos deparamos no cotidiano. A música e os momentos narrativos remontam fortemente ao teatro político de Brecht. Há uma intenção de deslocar o espectador da imersão fabular, de despertá-lo. É necessário lembrá-lo que aquilo é pura representação, que a história não está a serviço de seu envolvimento afetivo e psicológico, mas sim para suscitar uma reflexão profunda sobre a sociedade. Essa costura estabelece alterações rítmicas que dotam o espetáculo de uma musicalidade latente, mesmo quando não há música tocando. Isso se mostra na relação com a palavra do texto, nas imagens que os corpos dos atores propõem, na polifonia (quando vários elementos distintos se fundem criando um novo discurso) e, também, na própria música.

A noção de experiência, como algo que acontece no momento presente e que retira o espectador da estabilidade cotidiana, é de fato uma preocupação da encenação. O espectador não está isento das sensações provocadas, por exemplo, pela presença do animal vivo em cena, e ao manuseio dos mesmos pelos atores por meio de pinças, tornando discurso cênico sua total submissão à ação “bicho homem”. Assim como não é a toa a pungência da música, a riqueza de nuances na voz dos atores, em especial Alex Nader, ou até mesmo a areia do cenário que por vezes pode atingir o espectador nos momentos de maior agitação da ação. É um espetáculo que não se limita a contar uma história, mas expõe o espectador, a todo momento, à experimentação de sensações diretas.

A música se configura como elemento de condução da dramaturgia de forma bastante fluida, apresentando um aspecto revigorado do que se entende por teatro musical. Não há aqui uma interrupção da ação dramática para que se cante uma música, ela está integrada à linha de discurso do espetáculo de forma bem amalgamada. A utilização da estética sonora inspirada sonoridade do manguebeat é o ponto de partida para a construção dramaturgica e reafirma os valores propostos pelo movimento: a mistura de ritmos (especialmente o rock e o maracatu) reflete o desejo de integração das diferenças, para se formar um “mangue social”. No que diz respeito à recepção do espectador, a música tem forte impacto na produção de sensações. Trata-se de um teatro pequeno e o som, ao contrário, é bem amplificado, produzido ao vivo por uma banda composta por guitarra, baixo e bateria.

No tocante à interpretação, é evidente uma proposta de atuação bastante diversificada por parte dos atores. Mateus Macena, por exemplo, se destaca por seu virtuoso preparo corporal na construção de um corpo híbrido, animalesco, fronteiro entre o ser humano e o caranguejo. Já Carolina Virguez, com excelente domínio técnico, tem seu ponto alto num extenso monólogo em que discorre sobre a história do Brasil (momento de forte cunho político, diga-se de passagem) desde o fim da Guerra do Paraguai até os dias de hoje. O mais interessante no que diz respeito aos atores é que, embora tenham desempenhos bastante satisfatórios, eles não se integram como unidade. A sensação que se tem é que são excelentes individualmente, mas na contracena, na união de estilos e linguagens distintos, algo se fragiliza. Percebe-se uma pluralidade de estilos em cada ator, uma aposta na variedade estética, novamente retomando a ideia da mistura do *manguebeat*, que, como ideia, soa interessante. Mas o jogo de contracenação se torna muito individualizado, reconhecendo claramente a especificidade virtuosista de cada um.

Outro ponto que eu questiono é a proposta de que todos os atores estejam a todo tempo em cena. Essa investida é perigosa, pois toda presença deve estar legitimada por uma ação, por uma integração com o todo do espetáculo, o que não acontece em alguns momentos, como quando dois atores passam um longo tempo do espetáculo “cutucando” os caranguejos com uma pinça, sem que esta ação estivesse preenchida por uma intenção, por uma ação clara.

A iluminação e o cenário alinham-se à proposta de encenação. Numa espécie de tabuleiro de areia, ocorre uma delimitação do espaço cênico que parece ser também uma metáfora para o comportamento humano. Do lado de dentro do tabuleiro, ocorrem as situações cênicas que se aproximam do animalesco do caranguejo, mas também da irracionalidade da guerra. Do lado de fora, no entanto, tem-se o lugar do racional, a consciência analítica, a apresentação dos fatos, a reflexão da opressão social e da condição miserável dos menos favorecidos. A título de exercício analítico, mais do que um juízo de valor, a encenação peca pelo mau uso da semi-arena. O espetáculo é feito em um espaço configurado dessa forma, entretanto ele é quase todo frontalizado, prejudicando muito a visualização de que o assiste das plateias laterais.

Por fim, "Caranguejo Overdrive" é um espetáculo que se enquadra no ról do contemporâneo com clareza e merece ser assistido e analisado por sua sofisticação na utilização dos elementos de composição do teatro. E mesmo em suas fraquezas, não perde em potência ao apresentar ao público um discurso político bem definido,

criticando a modernização desenfreada do espaço urbano, sem perder o tom poético fundamental à arte da cena.